

PROFESSOR JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA  
Director dos Museus Municipais de Faro



A Catedral do Algarve e o seu Cabido

TEMPOS

DE

OSSÓNOMA



Separata dos «ANAIIS DO MUNICÍPIO DE FARO», 1976

## LIVRARIA SIMÕES

ALFARRABISTA  
COMPRA DE LIVROS E  
BIBLIOTECAS

R. Sãto Mayor, 7-1.ª F.  
Tel. 26618 / 25825  
8000 FARO

PU



- DE ESTUDANTE A MONTEZEMOZ — in «Povo Algarvio», de Faro, de 1/6 a 13/7/1967
- VOZES DE BRONZE — 1968
- UM ANTIFONÁRIO «LUMINOZOS» — 1968
- GUIA DO VISITANTE DA ALGARVE — 1949 — esgotado
- A FREGUESIA DA CONCIMMUNIDADE DE S. BRÁS DE ALPORTEL — 1961
- UM ARTISTA ALGARVIOPEDRO DE ALBUQUERQUE — 1966
- ARTE SACRA EM TAVIEIRA — 1966
- A IGREJA PAROQUIAL DE MARTINLONGO — in «Povo Algarvio», de Faro, de 1/3 e 25/3/1967
- SÃO PEDRO NA ARTE RELIGIOSA DO ALGARVE (sob o pseudónimo de Álvaro Pais) in «Correio do Sul», de Faro, de 1/6 a 13/7/1967
- LAPIDES ARABES DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO INFANTE D. HENRIQUE (em colaboração com Martim Velho) — separata de «O Algarve», de Faro — 1968
- O ÓRGÃO DA SÉ — in «Folha de Domingos», de Faro, de 18/10 a 15/11/1969
- O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DAS RUINAS DO MILREU — in «Anais do Município de Faro» — 1969
- HISTÓRIA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FARO — in «Anais do Município de Faro» — 1969
- HISTÓRIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO INFANTE D. HENRIQUE — in «Anais do Município de Faro» — 1969
- A IGREJA DE SANTO ANTONIO DOS CAPUCHOS — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1969
- TRÊS PESSOAS E UM MUSEU — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1969
- ROTEIRO DAS RUINAS DE MILREU — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1969
- VISITA A COLECCÃO «FERREIRA D'ALMEIDA» — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1970 — esgotado
- VISITE À LA COLECCIÓN «FERREIRA D'ALMEIDA» — 1970
- VISIT TO THE COLLECTION OF FERREIRA D'ALMEIDA — translated by V. M. P. R. — 1970
- REMBRANDT NA COLECCÃO «FERREIRA D'ALMEIDA» — in «Anais do Município de Faro» — 1971
- PROCESSÕES DE FARO — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1972
- ROTEIRO DAS RUINAS DO MILREU — Edição turística — 1974
- QUATRO MESES COM ESTÁCIO DA VEIGA — estudo arqueológico-bibliográfico — in «Anais do Município» — N.ºs II, III, IV e V.
- A IGREJA DE SANTA BARBARA DE NEXE — Separata dos «Anais do Município» — 1974
- INCUNABULOS E MANUSCRITOS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FARO — in «Anais do Município» — 1975
- AS MURALHAS DE FARO — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1975
- NOVAS ACHEGAS PARA A LOCALIZAÇÃO DE OSSONOA — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1976
- A CATEDRAL DO ALGARVE E O SEU CABIDO — TEMPOS DE OSSONOA — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1976



3-4

A Catedral do Algarve e o seu Cabido

# TEMPOS DE OSSÓNOBA

pele Prof. PINHEIRO E ROSA

Casa da Cultura António Bentes  
Biblioteca

É ponto assente entre os historiadores que existiu uma cidade com o nome de Ossónoba ou Ossonoba (1) nesta região que é hoje o Algarve (2) e que tal cidade foi sede de bispado (3).

Sobre o ponto geográfico do Algarve em que ela ficasse situada muito se tem discutido, havendo quem a localizasse em Estoi (3) e até em Estombar (4). É hoje a opinião mais seguida e mais provável que foi em Faro, não se confinando só ao que consideramos a cidade antiga — Vila-a-Dentro — mas estendendo-se, talvez em vários núcleos ou bairros, que os canais da ria, muito mais extensa que hoje, separavam e que chegariam até ao sítio da Conceição, dum lado, até ao do Amendoal, do outro. Evidentemente não era tudo urbanizado, mas uma grande parte da cidade - república seria constituída pelas numerosas villae, a última das quais seria a do Milreu, cujas ruínas, depois do estudo do Eng.º T. Hauschild, não se podem mais considerar como dum balneário público, mas antes duma vila opulenta de personagem importante, que poderia dar-se ao luxo de balneário e capela privativos (5).

Fixada a situação no próprio local onde hoje se ergue Faro, em que ponto teria estado a catedral de Ossónoba?

É fora de dúvida que a parte da cidade mais vetusta e mais importante deve ter sido sempre, na antiguidade, aquela que tradicionalmente se chama — Vila-a-dentro. Foi-o na Idade-Média, no tempo dos árabes, no tempo dos romanos. É aí que se tem encontrado o grosso dos achados arqueoló-

(1) — Pinheiro e Rosa — O Passado, o Presente e o Futuro das Ruínas de Milreu — in Anais do Município de Faro — 1959 — P. e J. Cabrita J.º — Ossónoba ou Ossonoba? — série de artigos no «Correio do Sul», de Faro, de 8-I a 5-III-1970.

(1 a) — Estrabão, Plínio, Ptolomeu, Isaac Casanbon, Abrão Gotólia, Celario, Bochart, Virgílio Correia, J. Leite de Vasconcelos, Antonino, o Pio, Rasis, Vasco, Cardeal de Aguiar, Frei Vicente Salgado, João Baptista de Castro, Baptista Lopes, Pompónio Mela, Hardino, Wisselingia e Curito, André de Resende, Ambrósio de Moraes, Hubner, Alexandre Herculanio, etc. — Abel Vianna — série de artigos intitulados «Onde foi Ossónoba», in «Algarves», de Faro, a partir de 22-X-1969.

(2) — D. Rodrigo da Cunha — História, Eclesiástica de Braga, Cap. XIII. Chronica dos Reis de Portugal de Duarte Nunes de Leão — 1660 — pág. 101. D. Francisco Barreto — Constituição do Bispado do Algarve. Jorge Cardoso — Agiologio Lusitano, Tom. II, pág. 9 e seg. Bispo de Pernambuco — História da Igreja Lusitana — Tom. I e II. Damião António — Política Moral e Civil, Tom. IV, pág. 460 e seg. Fr. Vicente Salgado — Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve (1796). Baptista Lopes — Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve.

(3) — Fr. Vicente Salgado, ob. cit.; J. Baptista de Castro; Hubner; Alexandre Herculanio — II.º de Portugal, vol. V, pág. 113; Ambrósio de Moraes; Bingham; M. Máximo Flores; André de Resende; Aguiar; Vasco; D. Francisco Cano; Jorge Cardoso; D. Rodrigo da Cunha; Estácio da Veiga. Deste último diz Abel Vianna: «Alguns dos raciocínios e conclusões do ilustre investigador ficam muito abaixo do nível em que o colocou a grandeza geral da sua obra». A argumentação de Salgado é curiosa. Viu monumentos em Faro e concluiu que Ossónoba era em Estoi. Bela lógica! Também Fortunato de Almeida, na Hist. da Igreja em Portugal, segue esta opinião.

N. B. — Meses depois de apresentado este trabalho vi, na sua II.º da Igreja em Portugal, I vol. pág. 15, n.º 3, que Fortunato de Almeida também perfilha a localização de Ossónoba em Faro.

(4) — Gaspar Barreiros, Perpilhão, Padilha, Cedro Fayou e outros — Abel Vianna, ob. cit.

gicos de qualquer destas épocas. É lógico que tenha sido nessa área a situação da catedral de Ossónoba, onde o Cristianismo chegou logo nos seus primórdios com Santo Hesíquio (5). Este discípulo de S. Tiago (um dos nove), chamado a Roma por S. Pedro e por ele sagrado bispo, pregou em várias partes da Península, entre elas no Algarve, sendo preso no segundo ano do império de Nero e sofrendo o martírio em Granada. Nero foi imperador desde o ano 54. Desde essa época teria havido na região algarvia, e nomeadamente na importante cidade de Ossónoba, um núcleo de cristãos, que foi crescendo pouco a pouco, dando até contingente ao martirológico cristão, como sucedeu com S. Julião, discípulo de S. Pedro, que nessa cidade sofreu o martírio no ano 87 (7).

Chegará uma altura em que a comunidade cristã era já bastante numerosa para se impor e para necessitar de lugares de reunião e de culto de certas proporções. Antes do edito de Milão (313), não me parece ter havido possibilidade da construção de qualquer edifício com esse destino, visto que a religião cristã era proibida em todo o Império e gozaria de tolerância apenas, nos lugares onde os procônsules ou propretors fossem dotados dessa virtude.

Já antes dessa época Ossónoba seria bispado. Nos anos 301, 303 ou 305, celebrou-se em Granada o 1.º Sinodo reunido nas Hespanhas, conhecido por Ilberitano. E nele subscreve, em oitavo lugar, Vicente, bispo de Ossónoba (8). Pelo lugar que ocupa em relação aos outros componentes do sínodo, teria começado a governar pelos anos 290. Não é porém crível que pudesse ter tido catedral, dadas as circunstâncias político-religiosas do tempo. Em 303, foi martirizado em Valência o diácono S. Vicente, que depois havia de ficar ligado à nossa província.

Portanto, só depois de 313 se pode pensar na erecção dessa célebre **catedral de Ossónoba**, que os escritores antigos tanto encarecem, como adiante veremos. E, ainda assim, devemos pensar que, dada a paz e liberdade à Igreja, a primeira atitude dos cristãos ossonobenses deve ter sido, como o foi na própria Roma, transformar os templos pagãos em santuários do cristianismo. Além do aspecto utilitário, podemos ver nisso um movimento de reparação querendo consagrar à glória de Deus tudo aquilo que até ali servira para culto das falsas divindades.

Teria certamente Ossónoba templos sumptuosos, visto que os escritores antigos se referem aos «grandes edifícios de que era ornada». E foi, naturalmente, um desses templos que se escolheu para a catedral, que, até ali estaria em qualquer casa improvisada. Assim se justificaria a afirmação dos mesmos escritores: «erigiram catedral em Ossónoba» (9).

Onde seria esse templo? O que provavelmente se elevou no sítio do actual Largo da Sé, de que, já por duas vezes, vimos um pequeno resto

(5) — Virgílio Correia: J. Leite de Vasconcelos; Abel Viana; Dr. José Formosinho; Mário Lyster Franco; Dr. Theodoro Hauschild e Dr. Garcia Domingues. É muito de considerar o princípio hoje admitido em arqueologia: «Onde se encontram os monumentos, aí ou muito perto eles estiveram aplicados». V. Pinheiro e Ross — *Localização de Ossónoba — O argumento das Distâncias* — in Algarve, de Faro, n.º 3189, de 11/5/1969.

(6) — Fr. Vicente Salgado, ob. cit., que, por sua vez, cita: *Constituições do Bispado do Algarve*, Catálogo dos Bispos. *Santuário Mariano*, Tom. VI, Liv. II, pág. 377. *Agiológico Lusitano*, Tom. II, pág. 1 e seg. — ed. de 1657.

(7) — Fr. V. Salgado, ob. cit., citando Humberto, no *Cronicon*. «... sendo ainda mais ilustre pelo fervor de seus primitivos cristãos, que penetrados do amor e respeito do Supremo e Eterno Ser, fundaram e regaram com seu sangue a Igreja Ossonobense».

(8) — *Vicentius Episcopus Ossonobensis subscripsit*. Fr. V. Salgado, ob. cit.

(9) — Tudo isto é baseado nos dados de Fr. Vicente Salgado, sempre in ob. cit.

de parede em silharia, na qual Abel Viana, da outra vez, ainda viu pequenas lâminas de mármore aplicadas, e que devia prolongar-se para o lado da Sé, na direcção da escada da torre, ultrapassando-a e indo acabar já debaixo de onde hoje são dependências da igreja? Devia ser dedicado a Augusto, segundo a inscrição do cipo, que se encontrou, dentro da área a que me refiro e parece ter sido o pedestal duma estátua, conforme pode ver-se no Museu Arqueológico, onde se encontra exposto. Não repugna admitir esta hipótese.

Mas seria essa a «catedral de Ossónoba» que os árabes encontraram e descrevem, embora sumariamente?

Transcrevo essas alusões ou descrições para as examinarmos.

Iacute, escritor árabe do século XIII, diz: «**Santa Maria** é uma cidade antiga; nela existe uma igreja da qual disse Ahmed, filho de Omar Alodri, que era um soberbo edificio; as suas magníficas e alvas colunas não têm rival em nenhuma outra parte, quer pelo extraordinário comprimento, quer pela largura; e um homem não é capaz de abraçar a uma delas (10).

Simonet escreveu (e conservo a língua original na transcrição, visto que o espanhol é bem compreensível): «**Solia** residir (Becr ben Yahya) en la ciudad de Silves; pero su corte era Santa Maria de Ossónoba, llamada por otro nombre **Santa Maria de Algarve**, hoy Faro. Esta ciudad atraía la atención por sus soberbas fortificaciones, sus grandiosas puertas de hierro y su magnífica iglesia dedicada à la Reina del Cielo. Esta Iglesia, segun los escritores árabes, era de excelsa fábrica y con enormes columnas ò pilares de plata de gran altura y de tanto grueso, que un hombre no era bastante para rodear una de ellas con entrambos brazos; iglesia, enfim, com la que no competia en celebridad por este tiempo ninguna de la España árabe, sino la famosa de! Cuervo, situada en el mismo territorio del Algarve, como arriba se dijo muy visitada à la sazón por 'os devotos peregrinos. Es de presumir — conclui Simonet — que esta iglesia de **Santa Maria de Ossónoba** hacia de catedral y más estando en la capital de la comarca y donde, bajo la dominación visigoda, hubo silla episcopal sufragánea de Mérida» (11).

Vê-se que, ao tempo em que estes escritores se referem a Ossónoba, este nome já andava sozinho para designar a mesma cidade. O que parece indicar que a «magnífica igreja», «soberbo edificio», já não é o templo pagão adaptado (naturalmente uma basílica) mas uma grandiosa construção cristã, de mais a mais, «dedicada à Rainha do Céu».

Construção feita por quem e quando?

Foi em 414 que os Visigodos entraram na Península. Poucos anos depois, 418 talvez (desbarato dos silingos), teriam chegado ao Algarve (12). Apesar de terem feito guerra a Ossónoba e de a terem tomado, diz Sa'gado que «continua a vida civil, comercial e religiosa desta cidade». Quer dizer: os ocupantes contentaram-se com o domínio político e fizeram a politica da tolerância, o que, sob o ponto de vista religioso, foi bom para os ossonobenses, pois não foram perturbados pelo arianismo dos seus vencedores. Convertidos estes, em 589, os ligeiros atritos que poderia ter havido desapareceram. A população do Algarve estaria já integrada na civilização visigótica.

(10) — D. Lopes, — *Toponímia*, 1, pág. 29.

(11) — Franc. Javier Simonet, *Historia de los Moxárabes de España deducida de los mejores y más auténticos testimonios de los escritores cristianos y árabes* — Madrid, 1908, pág. 524.

(12) — Fortunato de Almeida — *História de Portugal* — Introdução, pág. 79.

que afinal era uma adaptação à dos vencidos, mas com características especiais. Seria nessa época que se teria construído a «catedral de Ossónoba», a igreja «dedicada à Rainha do Céu», e que era tão sumptuosa, que tinha «colunas ou pilares de prata» e tão grandiosa que essas colunas «não eram abarcadas por um homem». Evidentemente as colunas não seriam de prata maciça, mas talvez apenas forradas de lâminas de prata. Devemos estar sempre de pé atrás contra as hipérboles dos escritores antigos nas suas descrições...

Que se destinariam a sustentar tais colunas? Provavelmente uma abóbada. Porque o templo devia ter sido no estilo visigótico, mescla do romano com elementos orientais e locais (ostrogodos e lombardos). Tanto poderia ter sido de planta em cruz grega com cúpula, como do tipo de basílica latina, mas, neste caso, já não teria a cobertura de travejamento e sim de abóbada (justificação das possantes colunas). Teria um nartex ou pórtico aberto. O arco triunfal seria apoiado em colunas cilíndricas com base ática modificada. A abside seria quadrada e o altar ficaria isolado no meio do presbitério. As janelas geminadas. As portas de grande simplicidade, compostas apenas de dois pés direitos ou de duas colunas aplicadas ao muro, sobre as quais descansava o dintel, sobrepujado por um arco de volta perfeita, e em cujo desvão se ostentaria o tímpano, ornado duma cruz, ou de algum baixo relevo de forma geométrica. Tais eram as características da arte visigótica, na Espanha (13).

Os edifícios visigóticos que restam são muito poucos. A maior parte dos que se sabe terem existido desapareceu sem deixar vestígios, certamente porque, no seu local, foram construídos outros. Em Portugal, mencionam-se como de tipo visigótico a igreja de Lourosa (Oliveira do Hospital); a capela da família Pinto, em Balsemão; e a igreja de S. Salvador de Montélios, em S. Jerónimo de Real (Braga) (14).

Haverá vestígios de ter existido em Santa Maria de Ossónoba qualquer templo visigótico? Sem dúvida. No Museu Arqueológico de Faro existem vários capitéis e outros elementos arquitectónicos visigóticos. Na igreja da Misericórdia pode ver-se um capitel desse estilo aplicado a pia de água benta. E no quintal da igreja do Carmo há vários de grandes proporções, que nunca consegui saber como ali foram parar e que não repugna pertencerem às tais colunas, altas e grossas, mencionadas pelos escritores árabes. E das cinquenta e tantas colunas que foram pelos árabes empregadas nas muralhas há certamente algumas que podiam muito bem ter feito parte da «catedral de Ossónoba».

Creio ter apresentado uma hipótese muito plausível, que deverá ser admitida até que apareçam dados que a desmintam ou outra mais plausível que a substitua.

\* \* \*

Que liturgia e que rito se teria usado nesta igreja?

Segundo Salgado, a Igreja Ossonobense recebeu a liturgia ou de

(13) — Cónego Manuel de Aguiar Barreiros — Elementos de Arqueologia e Belas Artes, pág. 162 e 163.

(14) — F. de Almeida, ob. cit.

Itácio era bastante acrimonioso com os herejes, pelo que foi muito criticado pelos escritores contemporâneos.

No Sínodo de Bordéus, onde concorreu S. Martinho de Tours, foi julgado réu por sua demasiada acrimónia, sendo separado da Comunhão da Igreja e exercício episcopal. Itácio recorreu para o Imperador. Este e o Concílio de Trêves julgaram-no inocente das culpas que lhe tinham imputado. Todavia parece que morreu no desterro.

Foi muito sábio, chamado **Claro**, pela eloquência, ilustração e instrução. Foi autor duma **Apologia da Disciplina da Igreja**, citada por S. Jerónimo, mas que se perdeu <sup>(20)</sup>.

3.º — PEDRO. Durante quase duzentos anos ficaram desconhecidos os bispos de Ossónoba. Porquê? Duas causas devem ter contribuído para essa lacuna: as guerras dos godos (de 412 ou 417 em diante) e a oposição de Eurico à eleição de novos bispos.

Mas, em 518 há notícia de um Bispo nesta cidade — Pedro, que assinou, em 14.º lugar e precedendo a 49 bispos, no III Concílio de Toledo, começado a 11 de Maio de 589, sendo Imperador Maurício, Papa Pelágio II e estando Recaredo no seu quarto ano de governo <sup>(21)</sup>.

Talvez fosse durante o seu governo que a catedral de Santa Maria se construísse e que se passasse a chamar à cidade Santa Maria de Ossónoba.

Ignora-se até quando governou.

É muito duvidoso que em Ossónoba existisse nos princípios do século II um bispo chamado Gregório e não há maior certeza acerca de outro a quem chamam Servo e cuja existência atribuíram à primeira metade do mesmo século <sup>(22)</sup>.

4.º — SATURNINO. Este é certo que regia a igreja ossonobense nos meados do século VII, porque, no Concílio VIII de Toledo, celebrado em 27 de Dezembro de 653, sendo Imperador Constante, Papa S. Martinho, e estando Recesvintho no 5.º ano do seu governo, ele foi representado pelo seu Diácono Sagarelo ou Sigare'o, que assinou as Actas em último lugar: **Sagarelus Diaconus Saturnini Episcopi Ecclesiae Ossonobensis subscripsi.**

E aqui temos o mais antigo precursor conhecido do Cabido da Catedral algarbiense, que corresponderia, mais tarde, à dignidade de Arcediago (Archidiaconus), que, poucos anos depois, foi criada.

Sucedeu-lhe

5.º — EXARNO. Era bispo de Ossónoba em 666, em que assistiu ao Concílio Emeritense (de Mérida, de que Ossónoba era sufragânea), realizado a 5 de Novembro daquele ano, sendo Papa S. Vitaliano, e estando no

(20) — F. de Almeida, em ob. citada, edição nova, traz uma nota em que se diz que sobre Itácio e sua acção apresentou o P.º José M. Semedo Azevedo no congresso de S. Frutuoso (1966) uma interessante comunicação, **Itácio o Claro**. Creio que não está publicada e não conseguí ver esse trabalho do meu falecido condiscípulo e amigo. Estas informações sobre o Bispo Itácio são extraídas de Fr. V. Saigado, na obra citada, bem como as que seguem, a não ser as que se especificarem.

(21) — *Petrus Episcopus Ossonobensis subscripsi*. Interessante anotar que, neste Concílio, mandou-se desterrar da Igreja as danças e torpes cantilenas com que o Sacrifício era misturado.

(22) — F. de Almeida. H. da Ig.ª em Portugal, nova edição. Vol. I. pág. 67.

seu 18.º ano de reinado o rei Recesvintho. O bispo assinou as Actas em 10.º lugar, por este modo: **Exarnus Dei misericordia Episcopus Sanctae Ecclesiae Ossonobensis similiter subscripsi.**

Neste Concílio tratou-se, entre outras coisas, da instituição das Dignidades de Arcipreste e Arcediago para as igrejas.

Carece de fundamento a notícia do bispo **Plusiano**, que aparece no Catálogo das **Constituições do Bispado do Algarve** (23).

6.º — **BELLITO**. Vivia pelos anos 682 ou 683. Esteve presente no Concílio Toledano XIII, que se celebrou naquele ano, sendo imperador Constantino Pogonato, Papa S. Leão II e no 4.º ano de governo de Hermínio nas Hespanhas. Assinou: **Bellitus Ossonobensis Episcopus**. Não se sabe o ano da sua morte.

7.º — **AGRIPIO** — Em 688, era bispo desta diocese, pois nesse ano fez-se representar por um vigário no Concílio Toledano XV, imperando Justiniano o Moço, no Pontificado de Sérgio I e no 1.º ano do governo de Egica, nas Hespanhas. Representou-o o **presbítero Daniel** (arcipreste?) que assinou assim: **Daniel Presbyter, agens vicem Domini mei, et Pontificis Agrippii Ossonobensis Episcopi subscripsi**. O mesmo bispo, em 693, manda ao Concílio Toledano XVI outro vigário, decerto porque as moléstias ou idade avançada o impediriam de ir pessoalmente. O Vigário assina: **Christes Presbyter agens vicem Agrippii Ossonobensis Sedis subscripsi**. Outros dois **protocapitulares**, que aparecem de longe como a aurora duma corporação que havia de ser tão importante.

Este é o último bispo da série de Ossónoba. Depois dele não há notícia de nenhum outro nem da própria diocese. Tudo desapareceu em tenebroso ocaso.

Foram os árabes que chegaram à Lusitânia aí por 711, 713 ou 714, ficando as nossas terras sujeitas ao império e senhorio dos califas ou sucessores de Mafoma.

Seria ainda Agrípio que presidia à igreja ossonobense? Ignora-se. O que se sabe é que «tudo fugia diante destes bárbaros. Roubavam os vasos sagrados, despedaçavam as alfaias que serviam ao santuário, interrompiam o Sacrifício da Missa, que apenas seria por alguma vez praticado sem aquele esplendor e aparato que pedia o Deus Imenso, a quem se tributavam aqueles cultos». Assim pinta Salgado o quadro desolador que a invasão dos árabes trouxe à Espanha. E bem podemos imaginar que assim seria no primeiro impulso, embora se saiba que, mais tarde, um **modus vivendi** foi estabelecido entre vencedores e vencidos e a vida se tornou suportável.

Escreveu ainda aquele memorista: «Introduzidos os Africanos no Algarve, a sua ignorância e barbaridade fez destruir a populosa e grande cidade de Ossónoba, arrancando de seus edificios e praças até aquelas colunas, lápidas e inscrições romanas, com que foi adornada e condecorada no tempo daqueles dominadores, e conduzidos estes respeitáveis monumentos desde Estoy» (aqui é que eles claudicavam!) «para aumentar e fornecer os muros e fortificações de Faro. Sacrificados aqueles povos pela

(23) — F. de Almeida, *ibidem* e Fr. V. Salgado, *ob. cit.*

lei Santa que professavam e pela pátria, eram errantes pelos montes, ou se submetiam à escravidão, pagando fortes tributos aos Mouros para conservarem os ritos e cultos da Religião Cristã e Ortodoxa...) (24).

Os árabes já encontraram a cidade chamando-se «Santa Maria de Ossónoba» (25). Certamente para fazerem esquecer a anterior situação política e religiosa e desconhecendo o que queria dizer *xantamaria*, suprimiram o determinativo e conservaram só a primeira parte. E assim continuou a ser conhecida, com mais o acrescentamento de «do Ocidente», até que, em 1016 (26), tornados seus chefes os *Harun*, passou a ser «Santa Maria Ibn Hárún». Daí, perdido o nome de Santa Maria, *Hárún*, donde o antigo *Faarom*, *Fárom*, depois *Fárão*, a imediata fonte de *Faro* (27).

E a cidade foi singrando sob o domínio árabe, sabendo-se-lhe de um grupo importante de cristãos moçárabes, que conservavam o culto de Santa Maria, que havia de inspirar a Afonso X uma das suas *Cantigas*, e de uma importante mesquita que os reconquistadores teriam vindo encontrar e até transformar provisoriamente em templo da sua religião.

---

(24) — F. V. Salgado, *ob. cit.*

(25) — J. Pedro Machado — *Ensaio sobre Faro no tempo dos Mouros*, in *Anais do Município de Faro* — 1970.

(26) — Mariana A. Machado Santos — *As Muralhas de Faro e o significado de entrada de D. Afonso III na «Vila - Adentro»*.

(27) — J. P. Machado, *ibidem* e citando David Lopes, *Toponímia Árabe de Portugal*, (*Revue Hispanique*, IX, 1902), em *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, colectânea de artigos do grande arabista, nas pp. 42 - 53.

Composição e Impressão  
Tipografia União  
F A R O  
1977

Museu do Trajo  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação

Casa da Cultura António Bentes  
Biblioteca

